



Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 20/10 - 24/10



Macroeconomia

O ambiente econômico global seguiu tensionado nesta semana, dominado pela prolongada paralisação do governo dos Estados Unidos e pela escalada das disputas comerciais com a China. O shutdown americano completou 23 dias, tornando-se o segundo mais longo da história, com mais de 750 mil servidores federais afastados e crescentes prejuízos estimados em cerca de US\$ 15 bilhões por dia. O impasse entre democratas e republicanos sobre os subsídios de saúde e o orçamento federal paralisou parte do funcionamento do Estado e intensificou as incertezas políticas. Apesar disso, a economia norte-americana mostrou resiliência: as bolsas encerraram a semana em alta, sustentadas pelos resultados corporativos e pela expectativa de um encontro entre Donald Trump e Xi Jinping na próxima semana, que pode reduzir tensões tarifárias. Ainda assim, a retórica agressiva do presidente americano — que chegou a ameaçar novas tarifas de até 155% sobre produtos chineses — manteve os investidores em alerta, em meio à possibilidade de uma nova rodada de negociações comerciais.

Além das questões fiscais e diplomáticas, o mercado reagiu à alta expressiva do petróleo, impulsionada por sanções dos EUA contra empresas russas como Rosneft e Lukoil. O Brent chegou a subir 5%, refletindo temores sobre a oferta global e a necessidade de refinarias asiáticas buscarem novos fornecedores. Na Europa, o sentimento foi positivo, com as bolsas se recuperando diante da melhora no setor de energia e da percepção de que a crise bancária americana perdeu força. Já na Ásia, o humor foi misto: enquanto China e Hong Kong avançaram com apoio de ações financeiras e expectativa de estímulos, Tóquio e Seul registraram quedas, pressionadas pela volatilidade cambial e incertezas externas.

No Brasil, o destaque ficou para o Boletim Focus, que reforçou a tendência de desaceleração inflacionária. As projeções para o IPCA recuaram pela terceira semana seguida, para 4,70% em 2025 e 4,27% em 2026, enquanto as expectativas para juros e crescimento permaneceram estáveis, com a Selic em 15% e o PIB projetado em 2,17% no próximo ano. O cenário fiscal voltou ao centro das atenções após o ministro Fernando Haddad confirmar o envio de dois projetos de lei ao Congresso para recompor o Orçamento de 2026, combinando medidas de aumento de arrecadação — como a tributação sobre fintechs, bets e juros sobre capital próprio — e cortes de gastos no seguro-defeso e em outras áreas.

No campo diplomático, o Brasil se manteve no foco das relações internacionais. O presidente Lula iniciou viagem à Ásia com compromissos na Indonésia e na Malásia, defendendo o uso de moedas locais no comércio e a ampliação de parcerias econômicas e ambientais. A principal expectativa, contudo, recai sobre o aguardado encontro entre Lula e Donald Trump, previsto para ocorrer durante a cúpula da ASEAN, na Malásia. A reunião — a primeira presencial desde a crise tarifária americana — é vista como uma oportunidade de reaproximação entre Brasília e Washington e de redefinição da pauta comercial bilateral.

Em meio a esse cenário, o real se manteve relativamente estável, com o dólar oscilando ao redor de R\$ 5,43, enquanto o Ibovespa acumulou leve alta na semana, refletindo o alívio externo e a percepção de melhora gradual da inflação doméstica. A combinação de tensões geopolíticas, incertezas fiscais e sinais de resiliência econômica manteve o mercado em compasso de espera, com atenção redobrada às próximas decisões de política monetária e aos desdobramentos das negociações entre as principais potências globais.

Mercado Sucroenergético

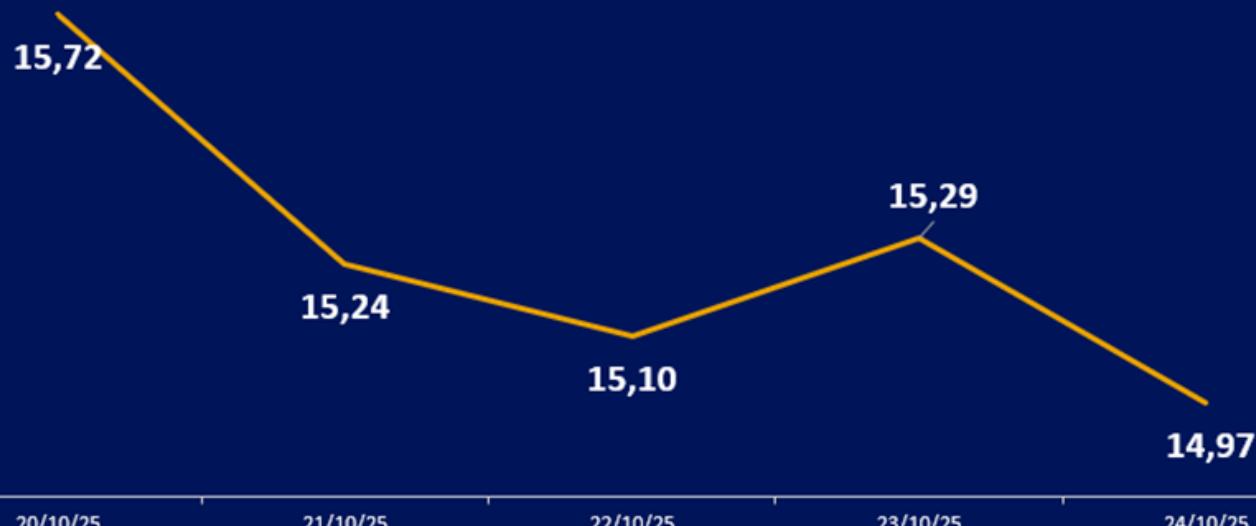
O mercado de açúcar encerrou a semana em meio a forte volatilidade e um viés ainda predominantemente baixista, refletindo um cenário de fundamentos confortáveis e um ambiente especulativo fragilizado pela ausência de dados oficiais nos EUA devido ao shutdown governamental. A semana começou com queda expressiva em Nova York, praticamente eliminando as expectativas altistas que restavam e frustrando apostas em um aperto momentâneo de oferta. A realidade, porém, mostrou uma safra no Centro-Sul mais volumosa que a do ano passado e exportações acumuladas até setembro cerca de 2 milhões de toneladas abaixo do mesmo período de 2024, o que tem elevado os estoques domésticos e pressionado os preços internos — com negócios sendo fechados até 5% abaixo do indicador Esalq.

A recuperação pontual do açúcar na terça-feira refletiu mais um movimento técnico do que uma mudança estrutural no mercado. O contrato março/26 chegou a subir 1,73%, mas sem novos catalisadores que sustentassem o avanço. Os fundamentos continuam apontando para ampla oferta global, ainda que com sinais de ajustes pontuais — como um leve recuo no mix açucareiro brasileiro, que caiu para 50,6%, e a possibilidade de revisões negativas na safra india, diante de perdas em Maharashtra e Uttar Pradesh. Mesmo assim, o cenário internacional segue mais equilibrado do que apertado, e as projeções de superávit global continuam pesando sobre as cotações.



No Brasil, o setor entra na reta final da safra com bom desempenho agrícola: o ATR quinzenal atingiu 158,5 kg/t, refletindo a boa qualidade da cana e uma oferta confortável de açúcar no curto prazo. A expectativa é de que cerca de 40 usinas encerrem a moagem até o fim de outubro, o que poderia reduzir a produção marginalmente — embora, até o momento, o mercado não veja essa redução como suficiente para alterar o quadro de excesso de oferta. O aumento da produção de etanol, somado à queda recente do preço do biocombustível, tem reduzido a arbitragem com o açúcar, com a paridade estimada ao redor de 14 ¢/lb, reforçando a tendência de estabilidade no mix.

No mercado doméstico, a pressão de caixa das usinas e o atraso nas fixações continuam limitando o espaço para reações altistas. Apenas 30% da safra 2026/27 está fixada, contra 48% no mesmo período do ano anterior, o que reforça a resistência técnica nos momentos de recuperação. Mesmo com o etanol hidratado sustentando liquidez e preços equivalentes a 17 ¢/lb em estados como MS e GO, o setor ainda enfrenta incertezas quanto ao impacto de um possível reajuste na gasolina, embora a expectativa seja de que a elevação do ICMS neutralize parte desse efeito.



Clima & Tempo

Na última semana, fortes chuvas atingiram o Centro-Sul do Brasil, com volumes acima da média histórica, causando interrupções pontuais na colheita de cana. Nesta semana, o tempo seco retornou, favorecendo o avanço da moagem na reta final da safra. Apesar disso, o balanço hídrico da região segue deficitário. Com o avanço do fenômeno La Niña, espera-se menor volume de chuvas no verão e temperaturas mais baixas no inverno no Centro-Sul, o que pode afetar o desenvolvimento inicial da cana e exigir maior manejo de solo e água. Já nas regiões Norte e Nordeste, as chuvas tendem a ficar acima da média, o que pode beneficiar o crescimento da cultura, mas também elevar o risco de atrasos e doenças. O modelo europeu prevê o retorno das chuvas em São Paulo a partir de 26 de outubro, enquanto o americano projeta tempo mais seco, o que favoreceria o ritmo de moagem. O NDVI indica leve recuperação da vegetação, especialmente em Mato Grosso do Sul, e as condições de radiação seguem estáveis para maturação. As temperaturas mínimas caem no sul paulista, mas o calor deve voltar com força no fim da semana, com máximas acima de 35°C no interior.